

O divino no poético: O imaginário bíblico na literatura

The divine in the poetic: The biblical imaginary in literature

Santos, Denise Silva dos Santos¹

Baseio, Dra. Maria Auxiliadora Baseio²

Resumo

O imaginário mitológico está presente em diversas civilizações desde o princípio da humanidade com o objetivo de explicar o incompreendido, o sobrenatural, os fenômenos da natureza etc. Muitas mitologias passaram a fazer parte do patrimônio da Literatura de muitas sociedades, como é o caso da Mitologia Grega, uma vez que perderam a sua característica sacra e não há mais indivíduos que cultuem os deuses antigos na atualidade. No entanto, há mitos que pertencem ao domínio da teologia, além disso, serviram – e servem – como fonte de inspiração para autores literários, compositores musicais, escritores de peças e de novelas, em suma, a toda expressão artística, como acontece com a Mitologia Cristã. Neste trabalho, busca-se verificar o diálogo de obras literárias com textos bíblicos por meio dos estudos comparativos de literatura. O corpus se compõe das obras *As Crônicas de Nárnia* e *O Peregrino*, dos autores C.S. Lewis, John Bunyan, respectivamente, com o objetivo de analisar a reverberação bíblica na criação artística literária dessas obras.

Palavras chaves: Imaginário. Mito. Religião. Bíblia Sagrada. Literatura.

Abstract

It is possible to recognize the mythological imaginary in many different civilizations since the beginning of the world. It tries to explain what is inexplicable or misinterpreted; the supernatural; the natural phenomena etc. In some societies many mythological theories are now a portion of their Literature, such as Greek Mythology. It happened because their gods are not worshiped by Greeks. However, there are still other myths that belong to theology, since there are many people who reverence their god(s). Myths inspired authors, composers, writers of novels and plays; in short, they inspire all sort of art expression, as does Christian mythology. This work

¹Universidade Santo Amato. E-mail: s.dhe.santos@gmail.com

²Universidade Santo Amaro. E-mail: mbaseio@uol.com.br.

seeks to verify the dialogue between literary works and biblical texts through comparative literature studies. The corpus consists of the works *The Chronicles of Narnia* and *The Pilgrim's Process*, by authors C.S. Lewis, John Bunyan, respectively, with the aim of analyzing the biblical reverberation in the literary artistic creation of these works.

Keywords: Imaginary. Myth. Religion. Holy Bible. Literature.

Introdução

Segundo Chauí (2013), por muito tempo, as atividades artísticas possuíam o valor de culto devido à sua sacralidade e ritualização numa tentativa de divinizar o mundo e fazer a aproximação dos homens aos deuses. Dentre essas, podemos destacar a pintura, a dança, o canto, a escultura, a música, entre outras. No entanto, em determinado momento na história da humanidade, as artes “perderam” a sua sacralidade e assumiram sua identidade como belas-artes, com o caráter estético e valor de mercado. Ainda assim, muitos artistas – canônicos e contemporâneos - retornam à fonte religiosa para inspiração de suas composições artísticas, trazendo à tona intercâmbios e intertextualidades entre a religião e a arte.

Tendo em vista a importância da Bíblia Cristã como instrumento formador do imaginário cultural ocidental, o objetivo deste trabalho é analisar a reverberação dos textos bíblicos em obras literárias. Para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas pesquisa bibliográfica e análise comparada.

A Bíblia tornou-se, ao longo dos séculos, um patrimônio simbólico que inspirou muitas artes, entre as quais a literatura. Suas imagens circularam em diversas culturas e tempos, sendo traduzidas e recriadas de diferentes maneiras. Conseguimos verificar esse diálogo na obra *Pilgrim's Progress*, de John Bunyan (1628-1688), que produziu uma alegoria sobre a trajetória do cristão pelo mundo até chegar ao Paraíso (CEVASCO, 1998). Após a sua tradução para o inglês, a Bíblia exerceu imensa influência sobre a literatura inglesa, pois passou a ser fonte de inspiração e referência para os leitores e escritores britânicos por gerações (CEVASCO, 1998). C.S. Lewis também bebeu da fonte religiosa ao criar a narrativa das *Crônicas de Nárnia*. Com os estudos de intertextualidade propostos por Julia Kristeva (apud CARVALHAL, 2006), filósofa e psicanalista franco-búlgara, podemos afirmar que todos os textos são formados a partir de um outro texto (ou de vários outros) em um ciclo de apropriação e transformação, sendo, portanto, intertextos.

A intertextualidade de textos religiosos e literários aponta-nos formas de reconhecer a circulação e o deslocamento da matéria literária por meio de variadas traduções em novos códigos, linguagens, a fim de compreender a composição de novos imaginários culturais. Análises comparadas permitem perceber aspectos da interdisciplinaridade a partir do diálogo de áreas do saber e de formas de conhecimento.

1.O Imaginário e o Mito

Segundo Wunenburger (2007), professor de filosofia na Université de Jean-Moulin-Lyon, “imaginário é uma palavra que surgiu recentemente na língua francesa. De acordo com o Dicionário Houaiss, a datação do termo em português é de 1537. O autor designa o “imaginário” como substantivo. Este, no entanto, permite o olhar sobre vários outros componentes, dentre os quais temos a fantasia, a lembrança, o devaneio, o sonho, as crenças não verificáveis, o mito, o romance, a ficção, como várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura.

Wunenburger expõe a possibilidade de falar do imaginário de um indivíduo numa vertente emocional - que toca o sujeito - mas, também, do de um povo, que é expresso no conjunto de suas obras culturais e crenças. Ele indica que as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pintura não-realista, romance etc.), as ficções políticas, os estereótipos sociais etc. expressam as forças do imaginário. O autor ressalta que o imaginário pode ser descrito literalmente, por meio de temas, motivos, intrigas, cenários etc. e, também, suscitar interpretações, pois as imagens e os relatos costumam ser portadores de um sentido secundário indireto. (WUNENBURGER,2007, p.12)

Para C.G. Dubois (apud WUNENBURGER,2007, p.14), o imaginário é o “resultado visível de uma energia psíquica, formalizada tanto no nível individual, como no nível coletivo”.

Antes de prosseguir com as análises comparadas, é preciso conceituar o mito e algumas características que estão presentes no universo mitológico. Há vários estudiosos da temática relacionada à Mitologia. Muitos deles arriscaram sugerir algumas definições para a palavra “mito”, como é o caso do Everaldo Rocha. A respeito disso, ele diz:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. (ROCHA, 1999, p. 7)

Wunenburger afirma que a mitologia é uma das formas mais elaboradas do imaginário e que “o termo “mito” designa um conjunto de relatos que constituem um patrimônio de ficções nas culturas tradicionais.” (2007, p. 8). Os mitos estão presentes em todas as civilizações de modo que são utilizados em narrativas com personagens que podem ser divinas ou humanas, a fim de explicar simbolicamente a origem dos fenômenos da natureza, criação do universo e dos seres vivos, das crenças religiosas, entre outros aspectos da sociedade.

No entanto, Morais explica que a palavra “mito” é empregada de modo ambíguo na linguagem contemporânea, pois possui um caráter negativo e positivo, o que constitui “uma dupla valorização” do termo. No sentido negativo, o vocábulo é visto como um sinônimo de mentira, falsificação intencional, ilusão na linguagem comum. Além disso, mito é a expressão simbólica, por imagens e de valores,

carregada de conotações afetivas e por isso exerce um poder de sedução sobre o indivíduo ou sociedade. (MORAIS, 1988, p. 37)

O antropólogo B. Malinowski afirma:

O mito, tal como o encontramos nas comunidades primitivas, isto é, na sua forma original, não é simples narrativa, mas realidade viva; não é pura ficção, semelhante à que apreciamos nas novelas e romances, mas um sucesso originário que domina e determina ininterruptamente o mundo e o destino dos homens [...] é um fator vivo da civilização humana, não uma explicação intelectual ou uma fantasia artística [...] (apud MORAIS, 1988, p.48)

Morais afirma que existem diversas narrativas, consideradas sagradas, que estão incorporadas à ética, à organização social e que constituem parte essencial das culturas primitivas atualmente, de modo que essas narrativas representam a asserção de uma realidade original, que determina, entre outras, a vida e o destino, e porque o seu conhecimento concebe a essência da ética e dos ritos. (MORAIS, 1988, p. 48)

Além disso, o autor também assinala a realidade significativa do mito e a profunda relação do sagrado – divino – com o homem.

O mundo mítico, antes de ser a expressão de estágios infantis da humanidade é, em si mesmo, um mundo significativo. Todos os ritos celebrados nessas sociedades são a própria condição de perpetuação do mito, pois que, através deles, o mito ganha vida, e o homem, objetivando emoções profundas, vive em presença dos deuses, em perfeita comunhão com o divino.” (MORAIS, 1988, p. 31)

Bulfinch (1796-1867), escritor norte-americano, dedicou-se aos estudos da mitologia e acreditava que a compreensão do universo mitológico era complementar aos estudos da história. Escreveu livros que ficaram famosos e se tornaram referência aos estudos da mitologia e história, dentre os quais *O Livro de Ouro da Mitologia* (1855), que é considerado o melhor para iniciação dos estudos mitológicos. Nesta obra, o autor expõe algumas correntes teóricas que buscam explicar a origem dos mitos. São elas as teorias Bíblica, Histórica, Alegórica e Física.

Para a Teoria Bíblica, a origem de todas as lendas mitológicas dá-se por meio das narrativas das Escrituras, nada obstante os fatos tenham sido distorcidos e alterados. (2002, p. 352) Na Teoria Histórica, afirma-se que “todas as personagens mencionadas na mitologia foram seres humanos reais e as lendas e tradições fabulosas a elas relativas são apenas acréscimos e embelezamentos, surgidos em épocas posteriores”. (BULFINCH, 2002, p. 353). Segundo a Teoria Alegórica, todos os mitos da antiguidade eram alegóricos e simbólicos, contendo alguma verdade moral, religiosa ou filosófica, ou algum fato histórico, sob a forma de alegoria, mas que, com o decorrer do tempo, passaram a ser entendidos literalmente. (BULFINCH, 2002, p. 353) Por fim, a Teoria Física explica que os elementos naturais como ar, fogo e água foram, eram tidos como objeto de adoração religiosa, além de que “as principais divindades eram personificações das forças da natureza.” (BULFINCH, 2002, p. 354) Para o Bulfinch, essas teorias citadas anteri-

ormente são verdadeiras até certo ponto e a mitologia de uma nação é o resultado da combinação de todas as fontes e não apenas de uma. (BULFINCH, p. 355, 2002)

No decurso do tempo, esse imaginário mítico se deslocou de seu contexto cultural em que se manifestava como vivo compondo rituais e assumiu novas formas e configurações, atendendo a novos contextos e produzindo novos imaginários, como se observa nas artes e, em nosso caso de análise, na literatura.

Lewis e Bunyan

As Crônicas de Nárnia

Clive Staples Lewis (1898-1963), mais conhecido como C.S. Lewis, foi um escritor, professor e crítico literário britânico. Ficou conhecido por seu trabalho sobre literatura medieval, por suas palestras e escritos cristãos. Lewis foi criado na fé cristã desde o seu nascimento, no entanto, tornou-se ateu aos 15 anos. Viveu muitos anos no ateísmo, mas com 31 anos o autor se converteu ao cristianismo e se tornou membro da Igreja Anglicana. Em 1933, publicou *O Regresso do Peregrino*. O autor também escreveu: *O Problema do Sofrimento* (1940), *Cartas de Um Diabo ao Seu Aprendiz* (1942), *Milagre* (1947), *Cristianismo Puro e Simples* (1952) e *As Crônicas de Nárnia*, uma série de sete romances de ficção e fantasia intitulados: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupa* (1950), *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A Cadeira de Prata* (1953), *O Cavalo e Seu Menino* (1954), *O Sobrinho do Mago* (1955) e *A Última Batalha* (1956), que podem ser encontrados separadamente ou em volume único, dentre outras.

Sua fé influenciou profundamente sua obra literária, sendo a religião tema constante em seus livros. Na série de livros de fantasia intitulada *As Crônicas de Nárnia*, o autor deixou fragmentos do Cristianismo por todos os sete livros, especialmente na figura de Aslan, sendo o único personagem que aparece em todos os sete livros.

Em *O sobrinho do Mago*, é possível estabelecer paralelos com a Bíblia, quando, por exemplo, a narrativa bíblica descreve o momento que o Espírito de Deus pairava sobre o nada. A terra, neste momento, ainda era vazia e sem forma (BÍBLIA, Gênesis, 1.1).

E, de fato, parecia mesmo Nada. Não havia uma única estrela. Era tão escuro que não se enxergavam; tanto fazia ficar de olhos abertos ou fechados. Sob seus pés havia uma coisa fria e plana, que podia ser chão, mas que não era relva nem madeira. O ar era seco e frio e não havia vento. (LEWIS, 2011, p. 55)

Aslan, o Leão, cujo rugido entoado como canção trouxe vida ao país de Nárnia, é visto como a personificação de Deus:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual con-

vocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda. Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. Podia-se ouvir a brisa encrespando a relva. (LEWIS, 2011, p. 59)

Neste trecho, é evidente o diálogo com o episódio da criação do universo por Deus no primeiro capítulo de Gênesis:

No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: “Haja luz”, e houve luz. [...] Depois disse Deus: “Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas”. [...] E disse Deus: “Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça a parte seca”. À parte seca Deus chamou terra, e chamou mares ao conjunto das águas. [...] Então disse Deus: “Cubra-se a terra de vegetação: plantas que deem sementes e árvores cujos frutos produzam sementes de acordo com as suas espécies”. [...] Disse Deus: “Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite. Sirvam eles de sinais para marcar estações, dias e anos, e sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra”. [...] Disse também Deus: “Encham-se as águas de seres vivos, e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento do céu”. (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 1: 1-20)

Posteriormente, em *The Lion, The Witch and The Wardrobe - O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* - quatro irmãos, duas meninas e dois meninos, cujos nomes são Susana, Lúcia, Pedro e Edmund, entram em Nárnia usando um Guarda-roupas. Ao ir para essa terra desconhecida, Edmund, um dos irmãos mais novos, associa-se com a Feiticeira. Esta lhe prometera torna-lhe seu herdeiro, caso o garoto trouxesse consigo os demais irmãos até seu castelo, mas, ao final, é enganado por ela, que, na verdade, só tinha a intenção de matar os quatro irmãos e impedi-los de se assentarem no trono de Cair Paravel que lhes pertencia por direito.

Após o retorno de Aslan, Edmund é resgatado pelos aliados do Leão, no entanto, a rainha usurpadora intenta requerer o sangue do Filho de Adão que outrora comeu de seu manjar turco e estava enfeitado por suas mentiras. Por fim, Aslan e a Feiticeira entram em uma audiência privada na qual o Leão decide tomar o lugar de Edmund e ser sacrificado pela traição do garoto.

O Leão está entristecido: “Nessa noite, a tristeza de Aslan projetou-se em todos os outros” (LEWIS, p. 168), assim como antes da crucificação, na qual o Messias levaria sobre si o pecado da humanidade. Jesus sentiu o peso das garras da morte sobre si e disse: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal.” (BÍBLIA SAGRADA, Mateus, 26:38)

Quando os soldados chegaram para levar Jesus cativo, Pedro, de ímpeto, tentou impedir o aprisionamento ferindo a um dos soldados com a espada, quando seu Mestre disse: “Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?” (BÍBLIA SAGRADA, Mateus, 26:53). Dialogando com esse trecho, Lewis escreveu:

As bruxas correram para ele com um uivo de triunfo, ao verem que não oferecia resistência. Anões e macacos malignos chegaram de todos os lados para ajudá-las. Deitaram o Leão de costas. Amarraram-lhe as quatro patas, gritando e dando vivas, como se tivessem cometido um ato de bravura. Claro que, se o Leão quisesse, uma patada seria a morte para eles. Mas ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas. Depois, começaram a arrastá-lo para o centro da mesa. (LEWIS, 2011, p.170)

Despiram o Leão de sua juba ao ouvirem a ordem da Feiticeira: “[...] cortem-lhe a juba!” (LEWIS, 2011, p.170) Zombavam do Leão, que outrora tão majestoso e imponente, fazia seus escarnecedores tremerem de medo: “Rodearam Aslan, zombando dele a valer: – Miau! Miau! Coitadinho do bichano! Quantos camundongos você papou hoje? Quer um pires de leite, bichinho?” (LEWIS, 2011, p. 170).

Aslan caminhava em direção à Mesa de Pedra para receber sua sentença de morte no lugar do verdadeiro sentenciado: “Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda.” (LEWIS, 2011, p. 171). O Leão fez-se culpado para redimir o verdadeiro traidor, Edmundo, da morte. “– Há um traidor aqui, Aslan! – declarou a feiticeira [...] – Portanto – continuou a feiticeira, – essa criatura humana me pertence. A vida dela me pertence. Tenho direito ao seu sangue.” (LEWIS, 2011, p. 165)

Com isso, pode-se estabelecer, assim, o diálogo intertextual com o episódio da Crucificação de Jesus, quando os soldados zombaram dele: “Tiraram-lhe as vestes e puseram nele um manto vermelho; [...] Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo.” (BÍBLIA, Mateus, 27:28,31) Zombaram da identidade de Jesus que pouco antes era aclamado como Rei dos Judeus “[...] fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Puseram uma vara em sua mão direita e, ajoelhando-se diante dele, zombavam: Salvem, rei dos judeus!” (BÍBLIA, Mateus 27:29), e agora jazia despido e humilhado.

Ainda sobre o momento do sacrifício de Aslan, Lewis escreveu: “Logo que acabaram de amarrar Aslan à Mesa de Pedra (mas tão amarrado que mais parecia um novelo), fez-se silêncio.” (LEWIS, 2011, p. 171) Neste trecho, sugere-se o diálogo com a passagem no livro de Isaías quando este prediz, profeticamente, a respeito do sofrimento que o Messias teria, dizendo: “Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca.” (BÍBLIA, Isaías 53:7)

Além disso, é possível perceber a sensibilidade do autor em relação à eternidade, quando Lewis descreve, de maneira tão solene, a morte dos Reis e Rainhas de Nárnia, os Filhos de Adão e as Filhas de Eva, em *A Última Batalha*, a última crônica, levando o

¹ For more than two centuries after its first publication, *The Pilgrim's Progress* ranked just behind the King James Bible as the most important book in evangelical Protestant households. The book has been translated into some two hundred languages, including eighty in Africa. (BUNYAN, 2014, p. 1)

leitor a considerar a descrição como uma passagem da vida terrena para uma eternidade. Numa perspectiva Cristã, é vista como a partida do cristão em direção ao Paraíso ao encontro de seu Criador.

E, à medida que Ele falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. Para eles, porém, este foi apenas o começo da verdadeira história. Toda a vida deles neste mundo e todas as suas aventuras em Nárnia haviam sido apenas a capa e a primeira página do livro. Agora, finalmente, estavam começando o Capítulo Um da Grande História que ninguém na terra jamais leu: a história que continua eternamente e na qual cada capítulo é muito melhor do que o anterior. (LEWIS, 2011, p.737)

No entanto, Lewis não foi o único representante da literatura inglesa que usou simbolismos do imaginário bíblico em suas obras, também é possível perceber essa intertextualidade nas obras do autor John Bunyan (1628-1688) no século XVII. O escritor e pregador cristão John Bunyan, nascido em Harrowden, Elstow, Inglaterra, é considerado “Sonhador imortal” por Orlando Boyer. Boyer deixou registrado em seu livro *Heróis da Fé* a bibliografia de vários homens que revolucionaram a sociedade por meio da propagação da sua fé em Jesus. Dentre eles, o autor dedica um capítulo a lembrar a importância de Bunyan na pregação do Evangelho e seu legado deixado na Literatura. Todas as obras escritas pelo autor possuem o caráter teológico, objetivando o evangelismo e, por meio delas, revelou sua profunda religiosidade e devoção a Deus.

Uma das obras mais notáveis e prestigiadas do autor é *The Pilgrim's Process*, traduzida para o português como *O Peregrino* por Eduardo Pereira e Ferreira pela Editora Mundo Cristão.

Por mais de dois séculos após a sua primeira publicação, *O Peregrino* ficou atrás apenas da Bíblia *King James* como o livro mais importante em lares de famílias protestantes. O livro foi traduzido para cerca de duzentas línguas, sendo 80 delas na África. (BUNYAN, 2014, p.1 tradução nossa)³

Trata-se de uma alegoria cristã sobre a trajetória da personagem Cristão em direção à Cidade Celestial, onde são narrados todos os desafios encontrados por ele em sua aventura rumo ao seu destino. Além do caráter evangelístico da narrativa, o autor conseguiu fazer alusões, ainda que discretas, às mazelas da sociedade, à corrupção das cortes e à institucionalização que tomou conta da Igreja, como forma de crítica social e religiosa. A respeito desta prosa religiosa, Cevalco diz:

³ The Pilgrim's Progress is [...] a work of folk literature. This makes it a book of the common people, just like the Bible. Through the ages, parents have read The Pilgrim's Progress to their children much as they read Bible stories to them. Reinforcing this identity of being a book for ordinary people rather than literary scholars is the religious nature of the book. It is a book of edification first, and beyond that it offers whatever entertainment value we might wish to find in it. (BUNYAN, 2014, p. 4)

A popularidade da obra estendeu-se a todas as classes sociais, e, até hoje, a história, embora não constitua um romance tal qual o entendemos em nossos dias, surpreende-nos pela capacidade inventiva do autor, grande contador de histórias. (CEVASCO, 1998, p. 42)

A relação de intertextualidade entre a obra escrita por Bunyan e a sua fé é vista em *O Peregrino* de maneira explícita:

O Peregrino é uma obra de literatura popular. Isso o torna um livro de pessoas comuns, assim como a Bíblia. Através dos tempos, os pais leram *O Peregrino* para seus filhos assim como liam as histórias da Bíblia. Reforçar essa identidade de ser um livro para pessoas comuns e não de estudiosos da literatura é a natureza religiosa da obra. É um livro de edificação primeiro, além disso, oferece qualquer valor de entretenimento que possamos encontrar nele. (BUNYAN, 2014, p. 4, tradução nossa)²

Todos os diálogos possuem referência explícita a trechos bíblicos. Mesmo os nomes das personagens (Cristão, Evangelista, Esperançoso, Desconfiança, Piedade, Prudência, Ateu, Formalidade e Hipocrisia etc.) revelam características religiosas que remetem ao imaginário mitológico cristão.

Ao iniciar a narrativa, o autor descreve um sonho que ele teve, no qual viu um homem que tomou consciência de sua miséria e decidiu seguir seu caminho de peregrinação numa tentativa de preservar sua vida ao fugir da Cidade da Destruição.

Vi um homem vestido de trapos (Is 64:6), de pé em determinado lugar, com o rosto voltado para o lado oposto da própria casa, um livro na mão e um grande fardo às costas (Sl 38:4). Olhei e o vi abrir o livro, e lê-lo; e lendo, chorava e tremia, e já não se contendo, rebentou em um choro sentido, dizendo: “Que devo fazer?” (At 16:30-31). (BUNYAN, 2015, p. 21)

A alegoria contínua desenhando a trajetória da personagem principal, Cristão, o qual passa por tribulações, encontra companheiros de viagem e aconselhadore, mas também inimigos rumo à Cidade Celestial, após ouvir as instruções dadas por Evangelista.

No primeiro encontro de Evangelista com Cristão, este está chorando desesperado, pois obteve ciência, por meio de um livro que ele tinha em mãos, que estava condenado a morrer e ir a julgamento. Evangelista direciona o herói a respeito do caminho que ele deveria seguir para que pudesse ser salvo.

Se é assim que você se sente — disse o Evangelista — por que fica aí parado? — Porque não sei para onde ir. Então ele lhe deu um livro, no qual estava escrito: “Fujam da ira vindoura” (Mt. 3:7). O homem leu e, olhando para o Evangelista, falou com muito cuidado: — Para onde devo fugir? Respondeu o Evangelista, apontando o dedo para um campo bem vasto: — Vê lá longe aquela porta estreita? (Mt. 7:13-14). — Não. — Vê lá longe aquela luz radiante? (Sl. 119:105; 2Pe. 1:19). — Acho que sim. — Pois fixe o olhar nessa luz, e suba direto até

lá. Ao chegar, você verá a porta. Bata e lhe dirão o que deve fazer. (BUNYAN, p. 23, 2015)

Com isso, Bunyan dialoga com a característica evangelista dos cristãos que, comissionados por Jesus, que lhes disse: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo” (BIBLIA, Marcos 16:15), tem como objetivo direcionar as pessoas a Cristo, para que, por meio dEle, esses indivíduos alcancem salvação e tenham uma mudança de vida, além da salvação eterna.

Sant’anna afirma que “a paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse. É uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si”. (SANT’ANNA, 2003, p. 29) Dada essa concepção, quando Bunyan utiliza referências bíblicas nos diálogos da obra, ele pretende emudecer-se para que a voz ouvida seja a da Palavra e não a sua. Além disso, ele afirma que “a paráfrase reafirma os ingredientes do texto primeiro conformando seu sentido” (SANT’ANNA, 2003, p. 41)

Estando Cristão a olhar e chorar, eis que três seres resplandecentes se aproximaram dele, e o saudaram dizendo: “A paz seja contigo”. E o primeiro lhe disse: “Os seus pecados estão perdoados” (Mc. 2:5). O segundo o despiu dos farrapos e o vestiu com nova muda de roupas (Zc. 3:3-5). O terceiro ainda gravou-lhe um sinal na testa, deu-lhe um rolo com um selo e mandou Cristão observá-lo durante o caminho, devendo entregá-lo no Portão Celestial. (BUNYAN, 2015, p.60)

Após os heróis passarem por tantas tribulações, Cristão e seu companheiro de viagem, Esperançoso, atravessam o “Rio da Morte” e chegam à Cidade Celestial, e este é o fim de sua jornada.

Era toda de pérolas e pedras preciosas. Também as ruas eram revestidas de ouro, de modo que, em virtude da glória natural da cidade e do reflexo dos raios solares sobre ela, Cristão se viu desfalecido de tanto desejo. Esperançoso também teve um ou dois acessos da mesma moléstia. Por isso se viram obrigados a parar por algum tempo, gritando em meio a tanta ansiedade: “Se encontrarem o meu amado [...], digam a eleizei que estou doente de amor” (Ct 5:8). (BUNYAN, 2015, p. 204)

Avistam a cidade preciosa a qual desejavam desde que saíram da Cidade da Destruição, recebem o galardão merecido por todos os seus esforços e persistência.

Lá receberão consolo por todos os seus esforços e terão alegria que compensará todos os seus pesares; colherão o que plantaram, o fruto de todas as suas orações, lágrimas e sofrimentos pelo Rei ao longo do caminho. Nesse lugar usarão coroas de ouro e desfrutarão da eterna visão do Santo, porque ali o verão como ele é (1Jo 3:2) (BUNYAN, 2015, p. 208)

E participam das bodas do Cordeiro, “Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro (Ap. 19:9)” (BUNYAN, 2015, p. 209)

A prosa finaliza com o narrador expondo o fim de quem tentou “entrar na Cidade Celestial de qualquer maneira”, acordando do sonho.

Mas o homem nada dizia. Então chamaram o Rei, que não quis descer para vê-lo, mas chamou os dois seres resplandecentes que conduziram Cristão e Esperançoso e ordenou-lhes que fossem lá fora atar os pés e as mãos de Ignorância para lançá-lo fora. Então eles o agarraram e o levaram pelos ares até a porta que vi na encosta do morro, atirando-o lá dentro. E vi assim que, também dos portões do céu, não só da Cidade da Destruição, havia um caminho até o inferno. Despertando, porém, vi que tudo não passara de um sonho. (BUNYAN, 2015, p. 212)

Julia Kristeva afirma que todos os textos são formados a partir de um outro texto - ou de vários outros - em um ciclo de apropriação e transformação, sendo, portanto, intertextos, em que o sentido do texto será interpretado pelo leitor a partir da relação que ele estabelece com os textos anteriores, e a sua percepção sobre a disseminação dos fragmentos intertextuais, provenientes de diversas fontes, contidas nele. O ato da leitura, portanto, “significa aí perceber este trabalho de manipulação sobre os textos originais e interpretá-los.” (VIGNER, 1979, p. 3) A forma como essa intertextualidade aparecerá em um texto será variável – podendo ser de maneira explícita ou implícita – e dependerá da intenção do seu criador.

A intertextualidade só será explícita quando houver citação da fonte no intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências; ela será implícita quando não houver citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia. (KOCH, 2007, p. 122)

Tendo como exemplo os autores analisados neste trabalho, é possível perceber que, de um lado, Lewis se inspira na narrativa bíblica para escrever as aventuras ocorridas nas terras de Nárnia – e fora delas –, utilizando elementos simbólicos de natureza cristã de forma subentendida, trazendo à tona a intertextualidade na modalidade implícita, por meio de estilização - desvio tolerável do texto original - e alusões. Para Koch, “a alusão se dá quando um enunciado supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro ao qual remete tal ou tal de suas inflexões, que só são reconhecíveis para quem tem conhecimento do texto-fonte” (apud KOCH, 2007, p.123). Com isso, para que o leitor seja capaz de perceber o diálogo que está sendo estabelecido nesta obra com a Bíblia, ele deverá fazer inferências e resgatar os conhecimentos prévios sobre o texto sagrado e até mesmo sobre a biografia do autor.

Esse desvio tolerável seria o máximo de inovação que um texto poderia admitir sem que se lhe subverta, perverta ou inverta o sentido. Seria a quantidade de transformações que o texto pode tolerar mantendo-se fiel ao paradigma inicial. Isto me permite dizer que o escritor que produz este tipo de efeito trabalha numa área de pouca diferença em relação ao original. E esse tipo de desvio mais do que tolerável é também um desvio desejável, sem o que ele pode cair na paráfrase

pura e simples e perder o sentido de autoria. (SANT'ANNA, 2003, p.39)

Em contraste, Bunyan faz referências diretas e claras às passagens bíblicas num discurso intertextual explícito por meio de paráfrases, com desvios mínimos do prototexto, objetivando a doutrinação e à pregação do evangelho, ressaltando o caráter evangelístico de sua obra.

Considerações finais

Antes de Kristeva cunhar o termo intertextualidade, a visão que se tinha a respeito desse fenômeno era de “uma relação de dependência”, de “dívida que um texto adquiria com seu antecessor”. Com os avanços dos estudos, a intertextualidade passa a ser compreendida como “um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos”. (CARVALHAL, 2006, p.51). Dito isso, os estudos e análises comparativos auxiliam na compreensão dos motivos que geraram essas relações.

O comparativista não se ocuparia a contatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. (CARVALHAL, 2006, p. 32)

A importância dos estudos sobre intertextualidade é percebida na Base Nacional Comum Curricular desde os anos finais do ensino fundamental até o ensino médio, sendo assim, conteúdo indispensável à formação educacional do indivíduo. No documento está expressa a importância de ser desenvolvida a capacidade de relacionar os diversos textos e a perceber a influência da intertextualidade neles. Além de refletir sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização se apresentam em cada texto e sobre os efeitos de sentido nele a partir do uso desses recursos em textos literários e em outras manifestações artísticas. (BNCC, 2018, p. 155)

Por fim, tendo em vista o potencial transformador e humanizador da experiência com a arte literária, os estudos de intertextualidade são necessários, pois auxiliam o leitor a compreender plenamente a obra lida, possibilitando a formação do leitor-fruidor, que é capaz de “desvendar” múltiplas camadas de sentido dos textos e das manifestações artísticas. (BNCC, 2018, p.138)

Por isso, visando analisar a reverberação dos textos bíblicos em obras literárias, fez-se necessário estudos comparativos com as obras *O Peregrino* e *As Crônicas de Nárnia*.

Resgatando o objetivo inicial deste trabalho de analisar a reverberação dos textos bíblicos na Literatura, verificou-se, na escrita de Lewis, a presença do imaginário bíblico num diálogo intertextual implícito, utilizando-se do recurso de estilização, com um nível tolerável de desvio do prototexto, enquanto Bunyan utilizou recursos de paráfrase, desviando-se minimamente do texto original.

Independente da manifestação artística – pintura, escultura, literatura, dança, música –, sempre houve a tentativa de dialogar com o imaginário cristão, visto que as narrativas contidas

nas Escrituras marcaram, e continuam a marcar, diversas civilizações de geração em geração.

E, como a corça anseia por águas correntes, assim também os artistas anseiam retornar aos textos sagrados em busca de inspiração para criar suas obras-primas, lançando luzes sobre os textos antigos, fazendo do sacro arte, e trazendo o divino para o poético.

Referências

Bíblia Sagrada português-inglês / Holy Bible Portuguese-English. 1. ed. São Paulo: Vida, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base.** Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2018.

BULFINCH, Thomas **O Livro De Ouro Da Mitologia:** Histórias de Deuses e Heróis. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BUNYAN, John, **The Pilgrim's Progress.** Minneapolis, MN: Desiring God, 2014.

BUNYAN, John, **O Peregrino.** São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CEVASCO, M. E; SIQUEIRA, V. L. **Rumos da Literatura Inglesa.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Iniciação à Filosofia.** 1. ed. São Paulo: Ática, 2013.

GONÁLEZ, JUSTO L. **E até os confins da Terra:** Uma história ilustrada do Cristianismo. São Paulo: A era dos mártires Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991. Vol. 1.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. **Intertextualidade:** Diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia** [tradução: Paulo Mendes Campos] 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** Introdução à problemática da literatura. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos Textos.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

MORAIS, Regis de **As Razões do Mito,** Campinas/SP: Papyrus, 1988.

RAÚJO, H. B. **O aspecto religioso da obra de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

ROCHA, Everaldo **O que é Mito.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

SANT'ANNA, Affonso Romano de **Paródia, Paráfrase & Cia.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. **Origem Da Mitologia;** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/origem-mitologia.htm>. Acesso em: 08 de março de 2020.

MORBIDELLI, José Donizetti “**Mitologia E Cristianismo: Entre Heróis e Deuses**”, Recanto das Letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/1581241> Acesso em: 08 de março de 2020 às 9:34

Webgrafia

<https://www.youtube.com/watch?v=qqXwGImdDns>. Acesso em: 09 de março de 2020 às 9:33

<https://www.youtube.com/watch?v=z4qnnstYRXM>. acesso em 09 de março de 2020 às 9:55

<https://literariness.org/2016/03/22/julia-kristeva-intertextuality/>. Acesso em: 12.09.2019

<https://document.desiringgod.org/the-pilgrim-s-progress-en.pdf?ts=1446648353>. Acesso em: 07.05.2020 às 11:09

<https://www.infoescola.com/livros/as-cronicas-de-narnia/>. Acesso em: 07.05.2020 às 11:33

https://www.ebiografia.com/c_s_lewis/. Acesso em: 14.05.2020 às 10:07

<https://www.britannica.com/biography/C-S-Lewis>. Acesso em: 14.05.2020 às 10:00

<https://www.biography.com/writer/cs-lewis>. Acesso em:14.05.2020 às 10:19